

**SENTIDOS DE (HIPER)LEITURA EM (DIS)CURSO**

*Fernanda Silveira Correa Galli<sup>1</sup>*

*Gustavo Grandini Bastos<sup>2</sup>*

*Ludmila Ferrarezi<sup>3</sup>*

**RESUMO**

No presente artigo, realizamos um estudo acerca da leitura na internet, utilizando como base teórica e metodológica a Análise do Discurso de filiação francesa. A leitura, nessa perspectiva discursiva, é um processo construído historicamente, no qual o sentido nunca se encontra já posto, visto que ele depende da posição sócio-histórica ocupada pelo sujeito, permitindo a ambiguidade, o equívoco, o furo, enfim, possibilitando entender que a linguagem também é o lugar da não comunicação. Empreendemos um percurso analítico de recortes obtidos através da proposta “*Ler na internet é...*”, corpus coletado a partir de um exercício realizado na *IV Jornada de Análise do Discurso – Leitura(s) no Discurso e na Ciência da Informação*. Consideramos que a leitura realizada na rede eletrônica permite a inscrição de sentidos outros: não se trata apenas de uma alteração de suporte, mas também uma outra forma de leitura e de produção de sentidos. Observamos, em nossa análise, duas regularidades presentes nos recortes, a saber: i) a grandiosidade da rede eletrônica, que encanta o sujeito-leitor que, por sua vez, crê ter acesso a todos os arquivos ali existentes; e ii) o caráter negativo da leitura na tela, que causa desconforto e irritação diante de tantas possibilidades disponibilizadas para a leitura.

**Palavras-chave:** (Hiper)leitura. Discurso. Internet.

[...] qualquer curva de qualquer  
destino  
que desfaça o curso de qualquer certeza /  
qualquer coisa /  
qualquer coisa que não fique ilesa/  
qualquer coisa que não fixe  
(Arnaldo Antunes)

## ARTICULAÇÕES INICIAIS

Abordar os conceitos de sujeito, sentido e leitura faz parte de nossos objetivos nesse artigo, no qual propomos, assim como aponta a canção que nos serve de epígrafe, afastar-nos das certezas, das premissas que atribuem aos gestos de leitura e interpretação um caráter estático, fixo, que não leva em conta a incompletude e a heterogeneidade que constituem os sujeitos e os sentidos instados na trama sócio-histórica da linguagem.

Ancorados na perspectiva da Análise do Discurso pecheuxtiana, teoria de determinação histórica dos processos semânticos, compreendemos a historicidade como sendo “não linear, não homogênea, não contínua no centro dos processos de significação que são produzidos pelos discursos em determinadas condições de produção” (ZANDWAIS, 2009, p.26). Por conseguinte, a estrutura dos enunciados nada expressa de si mesma, sendo impossível pensar o funcionamento dos discursos sem que, conforme aponta ainda Zandwais (2009, p.42), “haja uma relação transversa entre a estrutura, a base lingüística, o acontecimento, e os processos históricos através dos quais os acontecimentos se discursivizam”. Sob essa ótica, podemos considerar que sujeitos e sentidos se constituem por meio das determinações históricas, “nem fixados ad eternum, nem desligados como se pudessem ser quaisquer um. É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém” (ORLANDI, 1999, p.22).

A leitura, nessa perspectiva, é um processo que se constrói também historicamente – depende da posição ocupada pelo sujeito –, e a partir do qual não se pode ver nem dizer tudo (na/pela língua), o que dá abertura para a ambiguidade, para a multiplicidade de sentidos. São, assim, os sentidos plurais sobre os discursos produzidos a partir do enunciado “*Ler na internet é...*” que nos

interessam problematizar nesse artigo. Para tanto, é importante apresentarmos antes algumas considerações sobre os pressupostos teórico-analíticos da Análise do Discurso, que embasam nossos movimentos de reflexão e interpretação, ensinando-nos a pensar, eliminando as certezas, fazendo com que o mundo se torne “mais amplo, menos sabido, mais desafiador”. (ORLANDI, 2006a, p.2).

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA PECHEUXTIANA**

A Análise do Discurso, elaborada em meados dos anos 1960 por pesquisadores franceses reunidos em torno do filósofo Michel Pêcheux, proporciona-nos o arcabouço teórico que, como já adiantamos, nos leva a olhar para os atos de linguagem de maneira crítica e reflexiva, a afastar-nos de uma concepção de língua que “figura como um conjunto homogêneo, cujos elementos estabelecem relações previsíveis e ordenadas.” (ORLANDI, 2003a, p.205). Indo de encontro a essa posição estruturalista, nos propomos, a partir das formulações pecheuxtianas, a investigar os movimentos de tecedura da língua, de sujeitos falando e constituindo-se juntamente com os sentidos. Na teoria do discurso, o sujeito é percebido como uma posição, dentre tantas outras possíveis, que ele é levado a ocupar para enunciar, e não como o indivíduo, ser empírico, de carne e osso. Falamos, aqui, de um sujeito inconsciente, que é interpelado pela ideologia – o mecanismo que lhe apresenta alguns sentidos como sendo naturais e evidentes –, um sujeito que toma a palavra ao ser afetado por duas formas de esquecimento, pelas quais ele acredita ser a origem daquilo que diz, ao mesmo tempo em que se “esquece” de que há outros sentidos possíveis para serem enunciados, conforme explica Pêcheux (1997). Nessa ótica, o sujeito pode ser visto como clivado, descentrado, sendo “constitutivamente heterogêneo, da mesma forma que o discurso o é” (MUSSALIM, 2001, p.134).

Na perspectiva pecheuxtiana, o discurso é visto como efeito de sentidos entre interlocutores, “um verdadeiro nó, lugar teórico onde se intrincam questões sobre a língua, a história, o sujeito” (Maldidier, 2003, p.15), sendo bord(e)ado por disputas, contradições e relações de poder, revelando-se “esburacado”, marcado por faltas e falhas (FERREIRA, 1999). O discurso é determinado, assim, pelo político que institui todo ato de linguagem, pela incompletude e instabilidade, por

uma tagarelice de vozes que o atravessam e constituem o sujeito. Desse modo, temos que todo discurso é sempre atravessado por outros, o que nos leva a falar sobre o importante conceito de memória discursiva, que, segundo Orlandi (2006b, p. 21), “é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos de saber discursivo. É o já-dito que constitui todo dizer”. Tal concepção não se refere a uma memória cognitiva, estática, vista como uma lembrança de algo que ficou no passado, já que, em contraponto, ela nos remete ao frenético trabalho da linguagem, que se faz no limiar entre o já-dito e o a se dizer, em que o sujeito mobiliza as mesmas palavras, para enunciar de um modo outro.

Ressaltamos que a construção de sentidos se dá de acordo com a maneira pela qual o sujeito é afetado pela exterioridade e pela ideologia, filiando-se a determinadas formações discursivas, a zonas de memória que determinam, segundo Pêcheux (1997, p.160), “o que pode e deve ser dito” e que são vistas como o lugar da constituição dos sentidos, que não são inerentes às palavras, mas tecidos na trama sócio-histórica do dizer. Posto isso, temos que, no que se refere à materialidade eletrônica e seu “entre-meio dos links, a ordem da língua e a ordem da história reclamam o tempo todo que a linguagem seja significada a partir do que não está na tela, mas do que a memória histórica e a memória do dizer cavaram em outros locais, em outros atos de dizer e em outras inscrições sociais dos significantes” (ROMÃO; ROMÃO, 2009, p.86-87). A partir desse ponto de vista, que leva em conta o político, o histórico e o ideológico, é que iremos analisar, na última seção desse trabalho, como os sujeitos constroem diferentes sentidos sobre a leitura na internet, recortando, para tanto, determinadas regiões do já-lá, redes de memória que sustentam cada gesto de interpretação, (res)significando-o. Antes de apresentarmos nossas análises, faremos, na próxima seção, algumas considerações sobre a (hiper)leitura, que vem nos chamando a atenção e direcionando nosso olhar para os movimentos de sujeitos e sentidos tecidos na rede eletrônica.

## FIOS DE SENTIDO SOBRE A (HIPER)LEITURA

Como uma atividade cotidiana, a leitura se impõe ao sujeito sem que ele, muitas vezes, queira ou mesmo se atente para tal fato, o que demonstra que, “incessantemente, somos convidados à leitura de textos, breves ou longos”, conforme colocam Horellou-Lafarge e Segré (2010, p.13). Junto a esse convite incessante e (im)perceptível – talvez, ainda mais na internet –, surgem as inúmeras possibilidades de leitura de um mesmo texto, já que, como já apontamos, os textos demandam interpretações variadas, dependendo do modo como a língua, a história, o sujeito e a ideologia se imbricam, o que nos leva a apontar que “há tantas maneiras de ler quantos são os textos” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p.14). Nessa perspectiva, podemos pensar a leitura não como “um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal” (MANGUEL, 1997, p.54).

Ler na internet é – assim como na leitura do texto papel – embrenhar-se no fio da pluralidade, sair dos limites, desterritorializar para, em outro momento, reterritorializar. A partir da abordagem de Dias (2008, p.23), sobre a corpografia na materialidade digital, propomos pensar, ainda, a leitura na internet como um modo outro de inscrição do corpo na língua, dado que “o modo como o discurso circula e produz sentido num espaço determinado marca um modo [outro] de constituição do sujeito”. A leitura na internet, desse modo, é efeito da inscrição do sujeito no movimento não-linear da rede eletrônica: esse caráter fluido vem romper com a ilusão de completude e de totalidade presentes em nosso *corpus* e, ao mesmo tempo, acaba por expor que sujeitos e sentidos estão sempre à deriva, e são sempre plurais no fio do discurso.

De nosso ponto de vista, os leitores, por sua vez, são aqueles desconhecidos que se inscrevem nas margens da escrita e que, no fio da trama, produzem o tecido, os sentidos, os estranhamentos, tanto no papel quanto na tela. Sobre a leitura na tela, segundo Santaella (2011), é preciso atentar-se para o fato de que as linguagens se misturam e se complementam, visto que,

diferentemente do leitor do livro que tem diante de si um objeto manipulável, a inscrição na tela sobre a qual o texto eletrônico é lido cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é

de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro no passado. Mas a história das mídias tem nos revelado que, quando um novo meio surge, ele não leva o anterior ao desaparecimento, mas inicia-se um processo de trocas em que um meio enriquece o outro com empréstimo de recursos, ou seja, um aprende com o outro. (SANTAELLA apud HAAG, 2011, p.90).

Temos, assim, a chamada hiperleitura que se constitui, segundo Souza (2009, p.61), “por uma atitude de produzir sentido através de diferentes linguagens em diferentes suportes, de buscar aproximações inesperadas entre eles, o que suscita uma crise nas clássicas noções sobre texto, que tem operado com a perspectiva de unidade temática”; em contrapartida a essa concepção de agrupamento, a leitura na rede eletrônica relaciona-se à metáfora do labirinto, que aponta para a busca de caminhos, movimentos e cruzamentos, em detrimento da unidade e da ideia de um centro estático. Nesse lugar movediço, em que os direcionamentos não são previsíveis, temos o sujeito-leitor que busca, de alguma forma, caminhar por esse espaço de imprecisão por essência.

Com o advento das tecnologias de informação e comunicação, o sujeito-leitor tem vivenciado outras práticas de leitura, principalmente quando consideramos o desenvolvimento da chamada Web 2.0, que permitiu outras formas de pensar a busca e a disseminação da informação na rede eletrônica (AQUINO, 2009). Assim, temos uma outra realidade, na qual os leitores têm de lidar com textos em permanente construção e que, de maneira muito rápida, podem ser alterados, editados ou mesmo deletados da rede – isso tudo envolto em uma perspectiva em que o leitor é convidado a também assumir a posição autor (Heine, 2008), colaborando na construção dos textos postados por outros autores, misturando-se “a vozes heterogêneas dissolvidas e esgarçadas nos fios da rede, fundindo-se a elas para assentar-se no mesmo lugar ou desinstalando-as para confrontá-las” (Romão, 2006, p.308), inscrevendo-se, assim, em diferentes posições para enunciar na trama da rede eletrônica, costurada pelas relações de interatividade que o suporte oferece.

As possibilidades ofertadas pela tecnologia do hipertexto convidam o leitor ao ato de montar/desmontar o texto, cujas páginas, segundo Romão e Romão (2009, p.77), “não podem ser viradas, mas organizam-se ao modo de um pergaminho, agora eletrônico, emendadas em uma topologia vertical de links ou pontos de conexão que suportam navegação em diferentes direções. E também

abarcam a possibilidade da interferência do leitor”. Sendo assim, com o advento da cibercultura, a partir dos “impactos socioculturais da microinformática” (Lemos, 2007, p.101), deu-se início a uma revolução do texto eletrônico, que significou “ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura” (CHARTIER, 2002, p.113). A partir dessas transformações, vimos emergir outros sentidos sobre o ato de ler, uma pluralidade de discursos que foi flagrada em nosso *corpus* e que evoca tanto os sentidos de maravilhamento diante das novas possibilidades, quanto de angústia e desconforto em relação à fugaz mudança de paradigmas estabelecidos pela cultura do impresso, como veremos na próxima seção.

A leitura na rede eletrônica é afetada por fatores que influenciam a forma como o sujeito a realiza e formula sentidos. Dentre esses fatores, destacamos dois: a velocidade e o tempo, os quais nos parecem determinantes para compreendermos os discursos na rede eletrônica. Segundo Agamben (2009), compreender o tempo é fundamental para quem trabalha com rede eletrônica, o que nos leva a pensar que tal afirmação pode ser estendida, também, para a compreensão da velocidade. Nesse sentido, ousamos afirmar que esses dois fatores afetam o modo como o sujeito acessa os textos, os documentos e os arquivos na rede eletrônica e, conseqüentemente, o processo de leitura também é afetado. Pensemos na forma de obtenção de um determinado escrito que se deseja ler: por exemplo, um texto de uma revista publicado em outro continente, em muitos casos havia uma demora de meses para se obter uma cópia; atualmente, através de um download de poucos segundos o texto já se encontra arquivado nos documentos do computador do leitor. Através desse exemplo, podemos observar o que Baudrillard (2005) observa como a ocorrência de uma abolição das distâncias e o início de outra compreensão de tempo e espaço – uma noção fluidificada, que acaba por gerar uma nova era de circulação de documentos e de informação.

A questão do tempo no mundo globalizado e capitalista é abordada por Fausto Colombo (1991) como fator importante de se observar e medir, dado que, para o autor, o tempo pode ser classificado como um instrumento de organização social da vida humana. A partir das considerações de Colombo, propomos pensar a leitura na internet como uma prática que insere o sujeito em uma perspectiva de identificação pessoal com o tempo, haja vista a possibilidade de acesso aos

textos em horários que favorecem as suas necessidades enquanto leitor. Nessa relação tempo - velocidade - rede eletrônica, a questão capitalista se encontra presente (e fortificada), já que ter uma alta velocidade de conexão (para realizar downloads, estabelecer contatos, acessar arquivos, etc.) é algo dispendioso, necessário para se economizar tempo e ter acesso com rapidez ao que se deseja. Isso afeta o processo de leitura na contemporaneidade, já que ler na internet implica não uma simples mudança de suporte – do impresso para a tela, mas uma inscrição outra do corpo, na velocidade da máquina.

### **LER NA INTERNET: SENTIDOS EM (DIS)CURSO**

A leitura, acima de tudo, é uma experiência particular e singular, observa a pesquisadora Maria Cristina Leandro Ferreira, na abertura da *IV Jornada de Análise do Discurso – Leitura(s) no Discurso e na Ciência da Informação*<sup>1</sup>. Em sua conferência, intitulada “Leituras na contemporaneidade”, a autora abordou o conceito de leitura do ponto de vista da Análise do Discurso de matriz francesa e falou de sua experiência com alunos em sala de aula. Desse relato, surgiu a ideia de realizarmos uma atividade semelhante no minicurso “Leitura e rede eletrônica”, ministrado<sup>2</sup> no mesmo evento. Após a abertura do minicurso, convidamos os presentes a responderem ao seguinte questionamento: *Ler na internet é...* Dessa questão, surgiram as discursividades que integram nosso *corpus* de análise. Nele, como já adiantamos, procuramos investigar quais sentidos foram mobilizados para discursivizar o ato de ler na materialidade eletrônica, seguindo as pistas do funcionamento da memória e da ideologia, que acabam por resultar na naturalização de alguns sentidos, tidos como únicos e verdadeiros.

Dentre os discursos analisados, chamou-nos a atenção aqueles que retomam os sentidos que conferem à internet um caráter *ad-infinitum*, já que ela é frequentemente vista como promessa de acessos e possibilidades ilimitadas, suscitando sentidos que lhe conferem importância, fazendo falar o encantamento do sujeito-leitor pelo suporte eletrônico, flagrado nos seguintes recortes: “*ler na internet é **abrir o mundo** numa tela*”; “*ler na internet é **rápido** e **certo** (tem o que eu quero saber)*”; “*uma nova forma de busca a **infinitos dizeres e possibilidades***”. Tais sentidos de grandiosidade e eficiência ganham força em



um contexto marcado pelo avanço da cibercultura e pela supervalorização das novas técnicas/tecnologias, atribuindo-lhes poder absoluto e confiança quase inabalável, o que silencia os limites e barreiras, de ordem sócio-histórica e ideológica, que impedem a emergência de um ideal de totalidade, fazendo-nos desconfiar desses discursos amiúde repetidos, que levam a uma visão irrealista das condições pelas quais tais tecnologias funcionam e afetam os sujeitos. Temos, assim, um ambiente virtual permeado pela ilusória concepção de um lugar de livre enunciação, em que o sujeito, afetado pelos esquecimentos (Pêcheux, 1997), acredita poder dizer qualquer coisa, sem interrupções e silenciamentos (DIAS, 2005).

Nessa perspectiva, o sujeito-leitor acredita que a fugaz teia digital estaria aberta a tudo (às posições discursivas, aos discursos, às respostas, às soluções, etc.) e todos. A marca do poder, do possível e do preciso estão apresentadas nos discursos do parágrafo anterior. A tela parece funcionar como um ponto de contato com o mundo, como uma chave, que permite adentrar em um espaço outro, em que tocar o distante é possível, afinal, para o sujeito tudo se encontra a distância de um *click*, passível de ser acessado ao simples desejo do navegante que caminha por um ambiente plano, sem perturbações. Inexiste a ideia do labirinto, mas a presença da solidez que, ilusoriamente, representa a leitura na internet. Sentidos que postulam a velocidade como uma marca da internet e da leitura na tela são comumente retomados quando se qualifica o ciberespaço, dado que ele permite uma fácil e febril atualização e interação de diferentes textos, busca e recuperação do que (não) se deseja ler, como se ali estivessem concentradas todas as informações, o que vemos materializado nos recortes: “*Ler na internet é uma forma de obter informação rápida e atualizada. A todo momento*” e “*Ler na internet é interagir com diversos textos (ao mesmo tempo, se quiser)*”.

Observamos, assim, como alguns discursos de supervalorização da máquina e suas conexões foram mobilizados, em nosso *corpus*, para enunciar sobre a (hiper)leitura, fazendo com que circulem sobre ela sentidos correlatos, atribuídos às características do suporte eletrônico, quais sejam: velocidade, flexibilidade, interatividade, efemeridade, dinamicidade, intertextualidade e praticidade – marcas do espaço-tempo tecnológico, como aparece nos seguintes recortes: “*Ler na internet é... **velocidade***”, “***Flexível, efêmero***”, “***Interação***”, “*Ler*

na internet é **dinâmico**”, “Ler na internet é **prático** e **versátil** e possibilidade a **intertextualidade**”, “Ler na internet é **interagir** com diversos textos (ao mesmo tempo, se quiser)”, “Ler na internet é **interagir** com a máquina”, “Ler na internet é... uma nova forma de **interação** com um novo suporte”. O verbo ‘interagir’, presente nos recortes trazidos anteriormente, reforçam essa compreensão da rede como o lugar do outro, do contato, do compartilhamento, de uma nova forma de escrita e de leitura que afetam o sujeito contemporâneo, permitindo que ele estabeleça relações outras – muitas vezes, com um objeto (*máquina, textos, suporte...*).

Ressaltamos que tanto na pluralidade da rede, quanto do discurso, os sentidos são urdidos em relações de consonância, mas, também, de contradição, como pudemos notar nas discursividades analisadas. Notamos, assim, dizeres em que o sujeito, ao mesmo tempo em que expressa ser muito mais tranquilo realizar a leitura no ambiente da rede eletrônica (onde tudo supostamente seria possível de ser obtido), também deixa escapar que, nesse (ciber)espaço, tudo se atualiza de forma muito mais rápida do que no material impresso, fazendo com que o que há poucos minutos era compreendido como uma certeza pareça não tão certo no momento seguinte. Esses sentidos que apregoam a pouca estabilidade do que pode ser lido na internet fazem com que esse (ciber)espaço se revele movediço, instável e incompleto – o oposto do que tanto busca o sujeito: a segurança, a certeza, o completo.

Assim temos que, na internet, não há de fato nenhuma certeza de que o leitor vai acessar ou encontrar a informação que deseja, ou mesmo leu em outro momento na tela, já que as possibilidades dinâmicas da rede abrem espaço para a participação do leitor, para a substituição, alteração, ou, ainda, o apagamento do que antes foi escrito. Isso faz com que a certeza da totalidade se revele uma mera ilusão, em um ciberespaço dotado de uma cartografia que muda a partir de cada clique no mouse e é composta por textos que são (re)escritos e (re)interpretados a todo momento, posto que a cada conexão é possível descobrir novos territórios e realizar outras (des)construções e (re)leituras (ANDRADE; OLIVEIRA, 2007, p.2).

Apontamos ainda, em nosso *corpus*, a presença de discursos que, ao invés de evocarem sentidos de valorização e importância da rede eletrônica e seus inúmeros recursos, atribuem-lhes um caráter negativo, discursivizando a leitura na

tela como sendo algo “*difícil*”, “*chato*”, “*cansativo*”, “*confuso*”, um “*desconforto*”. Consideramos que tais sentidos de rejeição são sustentados por condições de produção que fazem falar a exclusão digital ainda preponderante no país, que não confere a todos a possibilidade de navegar nas redes da internet e participar dos jogos de linguagem. O mapa da exclusão digital acompanha o da desigualdade sócio-econômico-educacional, pois “conforme a renda, a classe social e o grau de escolaridade aumentam, maior é a proporção de usuários das tecnologias” (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2009, p. 95). Nesse panorama desigual, emergem os discursos que abordam o desprazer no uso do computador e da internet, suscitando, também, sentidos flagrados ainda pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2009), que apontam, além do custo, a falta de interesse e de habilidade como motivos da ausência de computadores nos lares brasileiros, desmistificando os sentidos de que a internet é um mar aberto a todos os sujeitos, sentidos e, também, leituras possíveis.

Os efeitos ilusórios de totalidade e completude da rede eletrônica, ao invés de fazer com que ela seja considerada um desejado mar de possibilidades a ser navegado, são mobilizados pelos sujeitos para enunciar sobre sua angústia e desorientação nesse (ciber)espaço ao mesmo tempo tão amplo e tão restrito, que torna o ato de ler “*na maioria das vezes complicado*” pois, “*com tantas coisas disponíveis, acabamos nos perdendo, saindo de foco*”, levando o leitor a “*se perder no horizonte*”. Temos assim que os sentidos de amplitude da rede são empregados pelos sujeitos de diferentes maneiras, delineando o que seriam duas formações discursivas, que não são estanques, pois se interpenetram, instaurando a contradição, pela qual, por exemplo, a leitura na rede seria um “*desconforto necessário*”, marcado pelo excesso e, ao mesmo tempo, pela falta, por um vazio que, para Lipovetsky (2008), é “uma desorientação, um vazio de referências estruturantes que não vem do fato de não existirem, mas de simplesmente terem se tornado flutuantes e muito numerosas. [...] Estamos, portanto, numa situação de confusão, de complexidade... Não estamos no vazio puro, mas sim perdidos entre tantas referências...”

Observamos, também, que esses sentidos negativos sobre a leitura na internet fazem retornar discursos já-ditos e esquecidos sobre a leitura do impresso, fios da memória que se entrelaçam ao discurso dos sujeitos, sem que eles o percebam, visto que “a memória é feita de esquecimentos, de silêncios, de

sentidos não-ditos, de sentidos a não dizer, de sentidos e de silenciamentos” (ORLANDI, 1999a, p.59). Flagramos, assim, a retomada de sentidos de desprazer e desinteresse, que ganham destaque em um cenário sócio-educacional marcado por preocupantes índices de analfabetismo (funcional), atividades de leitura parafrásticas e o pouco contato com os objetos e instituições culturais. Rastreando as condições históricas de produção dos sentidos sobre a leitura, não podemos ignorar que, segundo dados do Instituto Montenegro (2009), 7% da população de 15 a 64 anos é analfabeta, isso corresponde a 35 milhões de pessoas (Renesto, 2009), e apenas 25% é alfabetizada em nível pleno, indiciando que grande parte dos brasileiros apresenta dificuldades para ler e escrever, tanto na tela, quanto no papel. De acordo com dados do Instituto Pró-Livro (2008), a leitura representa a principal fonte de lazer para 35% dos brasileiros, enquanto a televisão e o rádio representam, respectivamente, 77% e 39%, algo não tão surpreendente ao observarmos dados do mesmo estudo, em que 66% dos livros se encontram nas mãos de 20% da população brasileira. Isso tudo torna mais compreensível a análise da forma com que os participantes discursivizam a leitura na tela como algo não-desejável, uma ação enfadonha, perpetuada pelo modelo escolar tradicional, que instaura a leitura como cópia e obrigação, afetando a relação que os sujeitos mantêm com a prática ao longo da vida.

## **ARTICULAÇÕES FINAIS**

Com a finalidade de dar um efeito de fechamento ao texto, retomamos a premissa de que, na perspectiva teórica da Análise do Discurso pecheuxtiana, todo discurso é datado sócio-historicamente, entremeando-se em uma rede de dizeres que podem ser atualizados ou silenciados, de acordo com a posição ocupada pelo sujeito para enunciar. Assim, dependendo da exterioridade e do modo como foram interpelados pela ideologia, os sujeitos-leitores colocaram em discurso diferentes sentidos sobre o ato de ler, filiando-se, para tanto, a determinadas formações discursivas, zonas do já-la que sustentaram os seus gestos de interpretação e que nos fazem olhar para o que (não) é dito sobre a (hiper)leitura de uma maneira menos ingênua. Isso nos leva a refletir sobre a questão da leitura na internet não a partir de ideias já estabelecidas pelos

discursos autoritários (Orlandi, 2003b), mas da escuta das vozes dos sujeitos-leitores – discursos esses que interpretamos em funcionamento, fazendo e desfazendo o *curso de qualquer certeza*.

## SENSES OF (HYPER)READING IN (DIS)COURSE

### ABSTRACT

In this paper, we did a study about the reading on the Internet using, as theoretical and methodological framework, the french Discourse Analysis. The reading, in this discursive perspective, is a historically constructed process, in which the sense isn't ready, because it depends on the social-historical position occupied by the subject, allowing the ambiguity, the misunderstanding, the "hole" that allows to understand that the language is also the place of non-communication. We undertook an analytical route of clippings that we got through the offer "*Reading on the Internet is ...*", corpus that were collected from an exercise done at the IV Congress of Discourse Analysis - Reading(s) in the discourse and Information Science. We believe that the reading held on Internet allows the inscription of other senses: it isn't only a change of support, but an another way of reading and production of senses. We noted in our analysis two regularities present in the clippings, namely: i) the grandiosity of the Internet which enchants the subject-reader who, in turn, believes to have access to all files that exist there, and ii) the negative characteristic of the reading on the screen, that causes discomfort and irritation in front of many possibilities available for the reading.

**Keywords:** (Hyper) Reading. Discourse. Internet.

### Notas

- <sup>1</sup> Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas.
- <sup>2</sup> Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos.
- <sup>3</sup> Doutoranda e Mestre em Ciências, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP).

- <sup>4</sup> Realizada nos dias 16 e 17 de setembro de 2010, no Departamento de Física e Matemática da USP/RP. Informações disponíveis em: <<http://dfm.ffclrp.usp.br/jornadaad/?pagina=jad-index-pt>>.
- <sup>5</sup> Pela pesquisadora AUTOR 1, que contou com a presença e auxílio dos monitores AUTOR 2 e AUTOR 3.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Editora Argos, 2009.

ANDRADE, Alaíse Maria Carrijo Ramos e; OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. Blogs jornalísticos: entre discursos e subjetividades. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 2., 2007, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/nehete//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art06\\_Andrade&Oliveira.swf](http://www.ufpe.br/nehete//hipertexto2007/anais/ANAIS/Art06_Andrade&Oliveira.swf)>. Acesso em: 15 fev. 2011.

AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: representação e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra; RECUERO, Raquel (Org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 237-256.

BAUDRILLARD, Jean. A impotência do virtual. In: \_\_\_\_\_. *Tela total: mitos-ironias do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 17-20.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Domicílios. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

DIAS, Cristiane Pereira. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, Mirian Rose Brum de. (Org.). *Sentido e memória*. Campinas: Editora Pontes, 2005.

DIAS, Cristiane Pereira. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do *dentro/fora* da língua. *Linguagem & Ensino*, v. 2, n. 1, 1999, p. 123-

137. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v2n1/kitty.PDF>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

HAAG, Carlos. O livro morreu? Viva o livro!: estudos revelam novos rumos da leitura com os e-readers. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 181, p. 86-90, mar. 2011.

HEINE, Palmira Bahia. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 1, 2008. p. 149-174. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0801/080106.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. *INAF Brasil - 2009*. Disponível em: < [http://www.ipm.org.br/download/inaf\\_brasil2009\\_relatorio\\_divulgacao\\_final.pdf](http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil2009_relatorio_divulgacao_final.pdf) >. Acesso em: 10 jan. 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. Instituto Pró Livro, 2008.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. Entrevista concedida à Flavia Natércia e Luciano Valente. *Com Ciência*, n. 101, 10 set. 2008. Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=&&tipo=entrevista&edicao=38>> Acesso em: 20 mai. 2009.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, v. 2, p. 101-142.

ORLANDI, Eni P. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. O sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, Eni P. *Contextos epistemológicos da Análise do Discurso*. Escritos n. 4. Campinas: Labeurb/Nudecri, 1999b.

\_\_\_\_\_. *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003b.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. Entrevista concedida à Raquel Goulart Barreto. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez., 2006a.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006b.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RENESTO, Ana Paula Carneiro. *Jovens leitores em meios populares: paradoxais constituições leitoras*. 2009. 294 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –Programa de Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. São Paulo, *Revista DELTA*, v. 22, n. 2, p. 303-328, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502006000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502006000200004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 16 fev. 2011.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; ROMÃO, Arquilau Moreira. *Do pergaminho à tela do computador: a trajetória do livro*. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2009.

SOUZA, Clara Etienne Lima de. *Entre as linhas do texto e o brilho da tela, uma rede e o leitor*. 2009. 195 f. Tese (Doutorado)- Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <[http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_arquivos/58/TDE-2009-10-28T173005Z-4567/Publico/2009\\_ClaraEtienneLimadeSouza.pdf](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/58/TDE-2009-10-28T173005Z-4567/Publico/2009_ClaraEtienneLimadeSouza.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2011.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.